

8761/03avm
março/1978

março/1978

O melhor roteiro

Foco sobre

HOJE

MÁRIO DE ANDRADE FOTÓGRAFO: TURISTA APRENDIZ — Em duas viagens ao Norte e Nordeste o escritor registra seu encontro com os modernistas dos outros Estados, suas companheiras de viagem, o tipo humano da região, as formas de trabalho, a arquitetura. Escola de Artes Visuais, Rua Jardim Botânico, 414, Parque Lage, das 8h às 22h (de segunda à sexta) e das 16h às 22h (sábado e domingo). Último dia.

HOJE E AMANHÃ

ROBERTO BURLE MARX — Pinturas, desenhos, litografias, serigrafias e tecidos pintados, todos trabalhos feitos de 1970 para cá, em composições que não separam o paisagista do artista plástico. Bolsa de Arte, Praça General Osório, 53, das 11h às 22h. Até dia 22.

HOJE, AMANHÃ E DOMINGO

ZELIO — 250 trabalhos que representam uma espécie de balanço geral da obra do grafista. Desde charges diárias na imprensa até as grandes campanhas de publicidade, passando pelo Júnior English Program, curso completo de inglês para crianças. MAM, das 12h às 19h (sexta e sábado) e das 14h às 19h (domingo). Até dia 2 de abril.

MAURICIO ARRAES — Aquarelas e pinturas do jovem pernambucano que volta ao Brasil depois de oito anos entre África e Europa. É sua primeira exposição e o tema, a paisagem urbana no que ela tem de industrializada. Galeria Ipanema, Rua Anibal de Mendonça, 27, das 14h às 22h (segunda), das 10h às 22h (de terça à sexta) e das 16h às 21h (sábado e domingo). Últimos dias.

GRAVURAS DE GOYA — 40 gravuras relacionadas com touradas, sendo que 13 compõem o conjunto La Tauromaquia. A exposição está sendo complementada com a exibição diária de dois documentários de 12 minutos cada: La Tauromaquia. Orígenes en Diseños e Reques Taurinos. Museu Nacional de Belas Artes, das 12h30m às 18h30m (de terça à sexta) e das 15h às 18h (sábado e

ROBERTO BURLE MARX



Roberto Burle Marx / Composição tinta sintética sobre tecido / 1978

DESDE a semana que passou, as paredes da Bolsa de Arte do Rio de Janeiro estão tomadas por trabalhos recentes de Roberto Burle Marx. Na sala principal, distribuem-se pinturas a óleo sobre tela ou a tinta sintética sobre tecido, geralmente de grandes dimensões; no subsolo, ficaram os desenhos e as gravuras, bem menores. E, para quem teve o interesse pelo artista até mais longe, o marchand Evandro Carneiro conserva no seu gabinete, ali mesmo, uma excelente série de quadros realizados por Burle Marx nas décadas de 30 e 40 — sobretudo figuras de vasta segurança compositiva, numa linha que às vezes foi irmã da de Candido Portinari. Um pouco ao contrário de seus assépticos e bem disciplinados projetos paisagísticos, o conjunto agora na galeria se mostra compacto, intrincado, emotivo, visualmente vivo. Não se restringe ao cálculo e à contenção, como nos jardins, onde o artista faz dialogar regularmente, cada qual no seu espaço, áreas de grama e zonas de árvores — flores, só por exceção. Mas se abre a pulsações de tramas coloridas cobrindo quase inteiramente a superfície do suporte.

Curioso é que esse avivamento visual se dá na obra de Burle Marx no exato mo-

mento em que ela acentua um pouco a geometrização. O que se explicaria logo pela necessidade, nele constando, equilibrar liberdade e disciplina, cor e cabeça. De fato, se compararmos algumas suas pinturas de 1971 e 1972, incluindo as mais elaboradas em 1977, fica evidente a transferência de uma forma mais orgânica, curvilinear e solta, nas primeiras, para composições em que dominam as retas e as arestas, os motivos retos e ríspidos, tal como o experimentam as últimas. Nestas, já se percebem retângulos, triângulos suficientemente definidos, enquanto nas anteriores havia de fundamental eram as linhas, as espirais, os caracóis — enfim, os envolvimentos no círculo. Dir-se-ia que a obra de Burle Marx está-se tornando vegetal, e mais mineral.

Prossegue ali, no entanto, hoje com o sistema de contrastes entre áreas curvas e áreas luminosas (resíduo de sombra?), zonas compactas de cor e zonas de grafismo (lembrança de chão e ta?). Os panos pintados, que o artista apresentando pela primeira vez e causam impressão, iluminam ainda mais esses trastes. Ao mesmo tempo, deixam em um princípio de novo encaminhamento sua obra pictórica. Caminho que pode equivocá-lo a Burle Marx, como já se vai percebendo numa das pinturas à vista, em que, mantendo a estrutura arquitetônica da maior parte de seus desenhos até contrariando o hábito mais abstrato da linguagem, ele figura com inesperada clareza a distribuição do casario em morro e favela. Trata-se de uma pintura de apelo, não pela clareza de figuração e abstração, mas cujo rigor está exatamente na meia explicitude que fica para a literatura, no falseamento de um roteiro que Burle Marx, mal ou pouco, soube conservar até aqui como seu.

Melhor é que ele aceite continuar defendendo a familiaridade com soluções pictóricas (seu cubismo essencial aparece incluído nos efeitos de colagem que as superfícies ladeadas oferecem) e o interesse por trabalhar paralelamente, a organização da natureza, o jardim e a organização da imagem no quadro. Ai o temos íntegro, integrador, mesmo que se reconheça haver um pouco de retórica na afirmação, pode-se tomar pertinente a fórmula usada por Clarivaldo Ladares para explicar Burle Marx, no logo: jardim é pintura, paisagismo é composição de cor e forma, como ocorre numa Recomenda-se, portanto, completar a obra na Bolsa de Arte com um passeio pelo Aterro do Flamengo. A soma é Roberto Burle Marx.

Roberto Por